

sob o olhar atento de Maria

Leitura da Primeira Carta de Pedro (1 Pd 4, 7-13)

O fim de todas as coisas está próximo. Sede, portanto, sensatos e sóbrios, para vos poderdes dedicar à oração. E, acima de tudo, cultivai um intenso amor uns pelos outros, pois o amor cobre uma multidão de pecados. Praticai a hospitalidade uns para com os outros, sem murmuração. Que cada um de vós ponha ao serviço dos outros o carisma que recebeu, como bom administrador da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, que diga palavras de Deus; se alguém exerce um ministério, que o exerça com a força que Deus lhe concede, para que em tudo seja Deus glorificado, por Jesus Cristo, a quem é devida a glória e o poder pelos séculos dos séculos! Ámen.

Amados meus, não fiquéis surpreendidos pelo fogo que lavra entre vós para vos pôr à prova, como se o que vos está a acontecer fosse algo, de facto, surpreendente. Pelo contrário, alegrai-vos, na medida em que estais a participar nos sofrimentos de Cristo, a fim de que também possais alegrar-vos e exultar quando se revelar a sua glória.

A passagem da primeira carta de Pedro que escutamos na liturgia de hoje começa logo pelo fim. “O fim de todas as coisas está próximo”. Há aqui um sentido de urgência, de que algo importante está prestes a acontecer. Imaginemos que esse “fim” é a hora da morte, o momento do encontro face a face com Deus. Se nos dissessem que o momento final está próximo, o que faríamos? Qual seria o nosso primeiro impulso ou resposta? Talvez ir abraçar o nosso esposo ou esposa para aproveitar o pouco tempo que resta. Talvez ir a correr tentar corrigir algum erro que nos mancha o passado. Pedro quer-nos dedicados à oração. Porque o fim está próximo, é preciso, acima de tudo, pôr Deus primeiro.

Uma vez assegurada a oração, que é o espaço onde Deus nos torna capazes de tudo o que é próprio de Deus, Pedro começa então a pedir mais. E parece que fala mesmo para casais. “Cultivai um intenso amor um pelo outro”. Não nos é dito que devemos ter sempre sentimentos intensos. Tantos casamentos se desfazem porque os noivos, tão apaixonados no início, nunca chegaram a aprender que o amor não é sentimento, mas decisão. O que nos é pedido é “cultivar”, isto é, dispormo-nos ativamente a escolher o maior bem daquele a quem dissemos sim. Cultivar um amor intenso pelo nosso marido ou mulher é dar-se ao trabalho de atçar em nós, uma e outra vez, o fogo não só do sentimento, mas da vontade de querer escolher dar-lhe o melhor que sou. Especialmente quando não apetece...

Este amor que somos chamados a cultivar ganha corpo de muitas formas. Uma delas, que chama a atenção na mensagem de Pedro, é a “hospitalidade”. Aqui pensamos em Maria, que foi hospitaleira ao ponto de acolher o seu Amado, literalmente dentro de si. “Praticai a hospitalidade um para com o outro...” Por outras palavras, esposos, acolhei o vosso amado de tal maneira que a alma dele ou dela recuperam a vida e a salvação cada vez que se aproximam um do outro.

E se algum casal sente que está a ser posto à prova, como se houvesse “um fogo que lavra entre vós”, provavelmente é porque está mesmo a ser posto à prova. E saber isso faz toda a diferença! Na hora da prova, tenha ela a forma que tiver, há que ser como Maria junto à cruz. Com ela, e com a ajuda dela, acreditar que não se pode crescer sem se “participar nos sofrimentos de Cristo” que, quando abraçados livremente e em casal, nos abrem as portas de uma alegria que é humana e que é divina.

Se um médico me dissesse que só tenho mais uma semana de vida, o que faria? O que é que diria a Deus? E o que é que diria ao meu cônjuge? Que ferida ou aspeto da nossa relação tentaria sarar, ou abordar? Pelo que é que estaria mais agradecido ao outro?

Como está o fogo do amor no nosso casamento? Se está forte, o que é que mais tem contribuído para o manter assim? Se está fraco, o que é que lhe está a “tirar oxigénio”? Interiormente, decido-me a agradecer e proteger o que ajuda, e a corrigir aquilo que o possa estar a sufocar. Amar é decidir todos os dias.

Neste momento da minha vida, há alguma coisa em mim que precise do cuidado que recebo no “hospital” que há, no coração, na escuta, no toque, na presença do meu cônjuge? Quando estou triste, cansado, desorientado, procuro primeiro essa hospitalidade, ou contento-me com “pensos rápidos” que procuro noutros lugares? E sei ser hospitaleiro para ele/ela quando precisa?

Durante a semana, rezamos o terço em casa/família/equipa, em momento e lugar adequado...